

No tempo dos romanos

Nuno Neto

Paulo Rebelo

Raquel Santos

Introdução

Este artigo resulta da comunicação proferida no âmbito da Escola Aberta do Património organizada pelo Museu Municipal de Arqueologia da Amadora. A iniciativa visa permitir a um público essencialmente local e não especializado, ter um contacto aproximado com o património regional, procurando de uma forma cativante realçar a importância de uma herança comum como elemento identitário de pertença e de memória colectiva.

Assim sendo, a nossa comunicação intitulada “No tempo dos romanos” visava numa primeira fase transportar os presentes para as grandes obras da arquitectura romana, culminando com a apresentação dos resultados da intervenção arqueológica realizada pela empresa Neoépica, Lda. na área de protecção da *Villa* romana do Alto do Cidreira, em Cascais. No final da comunicação houve ainda tempo para fazer um preâmbulo pelos sítios romanos existentes no Concelho da Amadora.

A Arquitectura Romana - breve descrição

A Arquitectura romana é uma das mais importantes da história do Homem. Os romanos revolucionaram as técnicas de construção com a utilização do arco, da abóbada e da cúpula, concebendo esquemas espaciais grandiosos e imaginativos. A arquitectura romana “bebeu” de várias influências, inicialmente das tribos itálicas e dos etruscos. Contudo, a criação artística foi influenciada essencialmente pelas grandes obras do período helenístico. Com a expansão de Roma para Ásia, os romanos iriam reflectir essas influências nas suas construções, sendo disso exemplo os templos de Fortuna Primigenia em Praeneste e o templo de Júpiter Anxur em Terracina (STIERLIN, H., 1997, p.10).

Com o período imperial, o estilo da arquitectura rapidamente se disseminou pelos territórios ocupados pelas legiões romanas. As construções empreendidas na Gália viriam a reflectir de perto as de Roma. Iniciam-se neste período grandes projectos de planeamento urbano, como a construção dos fóruns, aquedutos, templos, arenas culturais e desportivas (anfiteatros, teatros, circos), entre outros grandes edifícios militares e civis. A influência de Roma reflectia-se por todos os territórios ocupados pelo império, através do planeamento urbano e da criação de cidades. Um pouco por todo o império, os romanos levaram a cabo grandes melhoramentos territoriais, criando uma enorme rede de estradas de grande importância estratégica e comercial, pontes, aquedutos, reservatórios de água, entre outras estruturas de carácter civil.

Um dos grandes arquitectos romanos cujas obras chegaram até nós foi Vitruvius, considerado o primeiro teórico da arte da construção, cuja obra foi seguida por todo o Império. Entre os períodos de Tibério a Nero e a Domiciano, foram realizadas grandes construções (tanto para fins religiosos como para fins habitacionais) e criados grandes espaços interiores e esplendrosos palácios. Foram ainda construídos sumptuosos balneários e anfiteatros que exaltassem o poder do Império de Roma (STIERLIN, H., 1997, p.10).

Em 79 d.C dá-se uma das grandes catástrofes que viria abalar o mundo romano. Estávamos na dinastia dos Flávios quando se dá a erupção do Vesúvio, que destrói Pompeia, Herculano, Stabia e Oplontis. No entanto, este acontecimento tão trágico para os

romanos viria a ser para os arqueólogos uma bênção, permitindo um grau de conservação único e incomparável. A escavação arqueológica destes sítios levou a um melhor entendimento da arquitectura romana e dos seus sistemas urbanos, bem como do modo de vida destas populações.

O apogeu da arquitectura romana é atingida no século II d.C, com as criações grandiosas dos imperadores Trajano e Adriano, de que são exemplo o Forum de Trajano e a construção de novas cidades portuárias como Óstia. Estas enormes manifestações da arquitectura romana foram especialmente notórias no actual território de Espanha, sobretudo durante o período em que Trajano e Adriano foram imperadores, dadas as suas origens hispânicas. Durante o reinado de Adriano foram construídos importantes edifícios como o Panteão de Roma e a *Villa* de Adriano em Tivoli.

Com o reinado de Sétimo Severo será a vez das províncias do Norte de África sofrerem um enorme incremento, dada a sua proveniência Norte Africana. Deste modo as províncias a Sul do Mediterrâneo, como a Argélia, Tunísia e Tripolitânia, conhecem uma enorme prosperidade (STIERLIN, H., 1997, p.11).

A partir de Aurélio, responsável pela devolução da estabilidade ao Império após as ofensivas bárbaras, dá-se a construção de grandes edifícios, cuja opulência chegou aos nossos dias, como os balneários de Diocleciano, a Aula Palatina de Trier e a basílica de Maxêncio, em Roma. Estes edifícios são testemunho da riqueza e prosperidade do Império antes do colapso do império romano do ocidente em 476 d.C.

A *villa* romana do Alto do Cidreira - Cascais

A *villa* romana do Alto do Cidreira localiza-se junto ao marco geodésico do João Cidreira, em Carrascal de Alvide, freguesia de Alcabideche, Concelho de Cascais. O conhecimento da presença romana neste sítio data já de finais do século XIX, mas será em 1977 que os arqueólogos Guilherme Cardoso e José d'Encarnação iniciam campanhas de escavação no local com o intuito de determinar a importância e delimitar os limites dos vestígios romanos aí existentes (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2010, p.50). Na sequência destas campanhas foram identificadas algumas estruturas já anteriormente escavadas o que permitiu colocar a descoberto as ruínas do piso térreo da casa senhorial, que seria certamente revestido a mosaicos, alguns deles ainda visíveis no local (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2010, p.51). Em 1992 o sítio foi classificado como imóvel de interesse público.

Em 2007, na sequência da elaboração de um estudo de salvaguarda que visa a recuperação e preservação do sítio arqueológico do Alto do Cidreira, foram realizados trabalhos arqueológicos na área de protecção da jazida arqueológica. Na sequência destes trabalhos foram detectados importantes vestígios de cronologia romana, uma cabana do final do 3º milénio, bem como um conjunto de silos de cronologia Medieval Islâmica. De entre os vestígios romanos, foram identificados a SO da *villa* romana um troço de um canal de condução de água; a Sul e SE uma necrópole de inumação e algumas estruturas (entre elas um poço) associadas a práticas agrícolas e a Norte um vasto nível de materiais cerâmicos enquadráveis em época tardo-romana.

Canal de condução de água

Como atrás mencionado os trabalhos arqueológicos permitiram a identificação de um troço de um canal de condução de água e respectiva caixa de decantação de águas de

cronologia romana, orientado E-O (sentido em que correria a água), fazendo uma curva acentuada para Sul no lado Oeste. Após a escavação das camadas que cobriam o aqueduto em toda a sua extensão, enchimentos estes que não permitiram a recolha de qualquer material arqueológico que possibilitasse datar a sua desactivação, foi possível detectar cerca de 46m de estrutura conservada, construída e/ou remodelada em duas fases distintas.

A 1ª fase de construção conta com um nível inferior de pedra calcária de médias dimensões disposta em cunha sobre o substrato rochoso e, sobre esta base, uma camada uniforme de cascalho miúdo unido por *opus caementicium* (espécie de betão, constituído por areia, pedra e cal), sobre a qual arranca a construção da caleira. Toda a estrutura é lateralmente reforçada com a colocação de pedra calcária de médias dimensões unida com argamassa. A caleira é de secção quadrangular, com uma profundidade de cerca de 10cm, construída em *opus signinum* (trata-se de uma argamassa de impermeabilização, constituída por areia, cal e cerâmica moída) de cor branca.

A 2ª fase surge aproximadamente do centro da área escavada para Oeste, cobrindo parcialmente os níveis estruturais da 1ª fase e confinando com a caixa de decantação aí identificada. Trata-se de uma remodelação da estrutura do aqueduto utilizando uma técnica construtiva algo diferente. Assim, sobre os níveis mais antigos foi colocada uma camada uniforme de cerâmica britada, sobre a qual arranca a nova caleira, apresentando uma construção menos cuidada que a anterior. Possui uma secção semi-circular, irregular e de maiores dimensões, com uma profundidade de cerca de 12cm e uma largura máxima de cerca de 20cm e encontra-se revestida por *opus signinum* de tom cor-de-rosa. Nesta zona foi ainda possível identificar duas lajes de cobertura em calcário, o que nos leva a acreditar que toda a estrutura se encontrava coberta por um conjunto destas lajes, assentes directamente sobre a caleira.



A caixa de decantação encontra-se a Oeste e é constituída por um bloco maciço de arenito, rudemente afeiçoado no seu exterior, de forma quadrangular, sendo a parte central escavada formando um espaço cúbico de cerca de 40cm, forrado a *opus signinum* de tom cor-de-rosa. Esta caixa possui dois orifícios, um a Este e outro a Oeste, respectivamente para entrada e saída da água, existindo uma inclinação altimétrica de cerca de 3cm no seu interior. Sobre o bloco de arenito, encontra-se uma estrutura em pedra calcária de médias

dimensões, unida por *opus caementicium*. A análise estrutural mostra que a caixa de decantação se enquadra no primeiro momento de construção do aqueduto, continuando operacional na segunda fase. Funcionalmente, estamos perante uma caixa de decantação denominada de *Ventilações* nos *Dez Livros de Architectura de Vitruvius*, que serviria para além do arejamento e limpeza, para desacelerar as águas antes de uma curva acentuada, como é o caso, evitando que a força da água desgastasse as paredes do canal central.

Do seu interior provêm alguns exemplares de cerâmica comum, de construção e *terra sigillata*, enquadrados nos séculos I e II d.C.



Complexo agrícola

A cerca de 130m para Este do canal de condução de água foram detectadas três estruturas em pedra seca, construídas em calcário e arenito. Duas delas limitam, a Sul, uma vala escavada no substrato rochoso (arenito) que se desenvolve com uma orientação N-S. Ainda associado a estas estruturas surge um poço, construído em pedra solta de calcário. O seu interior foi preenchido com pedras possivelmente oriundas da sua boca e do derrube das estruturas vizinhas.

Em termos funcionais, as características destas estruturas e a quantidade de pedras pertencentes ao seu derrube, deixam antever tratar-se não de paredes de habitações, mas sim de muros de limitação do que parece ser um complexo agrícola. O aparecimento de uma pia no centro de um recinto que parece vedado, pelo menos no seu limite Este e Oeste, associada a uma vala de condução de água, leva-nos a acreditar estarmos perante uma estrutura de cerca para gado, ou outra associada à prática agrícola. O aparecimento do poço corrobora esta ideia.

Em termos materiais a escavação desta sondagem revelou o mais variado espólio arqueológico, especialmente cerâmico (comum e de construção). As poucas formas que permitiram a obtenção de paralelos enquadram-se entre os séculos II e V. Já as cronologias para as formas de *terra sigillata* Hispânica apontam para os séculos II/III, enquanto que as formas de *terra sigillata* africana apontam para uma cronologia que se insere nos séculos III/IV. Uma característica comum à quase totalidade do espólio cerâmico recolhido é o grau de rolamento muito acentuado, indício claro da deposição secundária destes materiais.



Necrópole

No extremo Oeste deste terreno, foi identificada uma necrópole associada à *villa* romana do Alto do Cidreira, sendo postas a descoberto 11 inumações, das quais 10 foram exumadas e 3 sepulturas de criança já sem quaisquer vestígios osteológicos. As sepulturas encontravam-se escavadas em parte no substrato rochoso (arenito). Apenas quatro possuíam coberturas, que variavam entre tijoleira, telha de canudo (imbrex), lajes de calcário e uma placa de lióz.

Dos 10 enterramentos, 1 é infantil e 9 são adultos, entre os quais 5 femininos, 2 masculinos, e 3 de sexo indeterminado. Com excepção do enterramento infantil, todos eles se encontravam orientados N-S, possuindo espólio associado: um potinho junto à tíbia esquerda, uma taça e uma lucerna. Em alguns casos surgem também numismas (moedas). Um dos enterramentos possuía também uma lucerna colocada junto à cabeça. Destaca-se um outro indivíduo que possuía junto à tíbia esquerda dois potinhos, uma taça e uma lucerna; junto à mão esquerda um pico em ferro indiciando que este terá sido colocado na mão do defunto; junto ao braço direito três lucernas; e junto à cabeça, a uma cota superior, um fundo de uma taça de vidro com pé anelar.

Embora em menor número, as lucernas permitiram um enquadramento cronológico mais fiável do que a cerâmica comum. Uma análise preliminar do espólio permite-nos enquadrar esta necrópole entre os séculos III/IV d.C.



Níveis tardo-romanos

Um pouco para Norte da *villa* romana, os trabalhos arqueológicos permitiram a identificação de um nível arqueológico com grande concentração de cerâmica comum e de construção, bem como um aglomerado de pedra calcária, algumas com indícios de afeiçoamento. Depois de definidos os limites da camada arqueológica, verificou-se que ela ocupava toda a área central do terreno. A sua elevada extensão levou à quadriculagem da zona e consequente escavação de nove quadrículas de 2 x 2m. O espólio recolhido é numeroso e diversificado (materiais cerâmicos, metálicos, pétreos, vítreos, osteológicos, malacológicos, carvões e objectos em osso), tendo no entanto cronologias muito próximas. Efectivamente, a grande maioria das peças passíveis de fornecer datações para a ocupação daquela área, situa-se em época tardo-romana, tendo no entanto surgido materiais que possibilitam uma cronologia balizada entre os meados do século II e os meados do século IV.

O império romano veio trazer toda uma nova forma de ser e de estar, sobre todos os aspectos das populações que habitavam a Europa e a bacia do mediterrâneo. Da cultura à sociedade e à política, da arquitectura à sexualidade e à moral, o mundo romano veio abrir aquilo a que podemos chamar a primeira base da cultura ocidental.

Bibliografia

- CARDOSO, G. (1991), *Carta arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais: CMC.
- CARDOSO, G., ENCARNAÇÃO, J. d' (2010), "Roteiros do Património da Cascais - Património Arqueológico", Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
- ENCARNAÇÃO, J. d', CARDOSO, G. (1984), "Alto do Cidreira", *in* Informação Arqueológica 4, Lisboa, pp. 64-66.
- ENCARNAÇÃO, J. d', CARDOSO, G. (1985), "Villa Romana do Alto do Cidreira", *in* Informação Arqueológica 5, Lisboa, pp. 82-83.
- ENCARNAÇÃO, J. d', CARDOSO, G., NOLEN, J. U. S. (1982), "A Villa Romana do Alto do Cidreira em Cascais", *in* Arquivo de Cascais 4, Cascais, pp. 9-27.
- NETO, N., REBELO, P. (2007), Relatório da Intervenção Arqueológica Realizada na Zona de Protecção do Alto do Cidreira, Neoépica, Lda., Lisboa (Policopiado).
- NETO, N., REBELO, P., SANTOS, R., FONTES, T. (2007), "Neoépica, Lda. – principais intervenções em 2007", *in* al-madan, IIª serie, nº.15, Almada, pp. 156-157.
- NETO, N., REBELO, P., SANTOS, R. (2009) "Dados Preliminares da Intervenção Arqueológica na área de protecção da Villa romana do Alto do Cidreira – Cascais", *in* Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português, Centro Português de Goe-História e Pré-História, Lisboa, pp. 37-47.
- RUA, H. (1998), *Os Dez Livros da Arquitectura de Vitruvius*, Lisboa: Departamento de Engenharia Civil – Instituto Superior Técnico, ICIST.
- STIERLIN, HENRI (1997), "O Império Romano – Dos Etruscos Ao Declínio do Império Romano", Colecção Arquitectura Universal da Taschen.